

## ONOMASIOLOGIA: PRIMEIRAS ETAPAS NA ELABORAÇÃO DE UM DICIONÁRIO ANALÓGICO

Camille Roberta Ivantes Braz (UERJ)

[crib14@gmail.com](mailto:crib14@gmail.com)

Flávio de Aguiar Barbosa (UERJ)

[flavioab.uerj@gmail.com](mailto:flavioab.uerj@gmail.com)

### RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar as primeiras etapas no processo de elaboração de um dicionário analógico como produto de uma tese de doutorado. A escolha pela organização onomasiológica leva à reflexão sobre a os pontos de aproximação entre a semasiologia e a onomasiologia e a pluralidade tipológica (e respectivas definições) das obras lexicográficas existentes, sobretudo as onomasiológicas. Também se expõem, nesta oportunidade, as motivações e objetivos que levam a se optar por uma ou por outra no momento de se produzir um dicionário. A fim de apresentar tais reflexões, este estudo se baseia em Krieger (2006) e Welker (2004) para identificar as tipologias de dicionários em Babini (2006) e Carratore e Castilho (1967) para definir e diferenciar semasiologia e onomasiologia (e as obras organizadas dentro desses critérios). A partir também de Welker (2004) e Babini (2006) se estrutura um painel sobre as tipologias e nomenclaturas dos dicionários onomasiológicos e, ao final, se apresentam as razões para a escolha desse tipo de organização para o dicionário analógico que está em fase de elaboração, com comentários sobre os primeiros desafios encontrados nessa tarefa.

### Palavras-chave:

Onomasiologia. Lexicografia. Dicionários.

### 1. Introdução

Vive-se rodeado por cores, porém elas não possuem uma existência material - a cor é apenas uma sensação. Pedrosa (1989, p. 17) explica que a cor é "(...) produzida por certas organizações nervosas sob a ação da luz - mais precisamente, é a sensação provocada pela ação da luz sobre o órgão da visão". Aquele que é dotado de perfeita visão não consegue se manter indiferente a elas, pois como afirma Goethe (1993, p.43) na sua obra *Doutrina das Cores*, "o homem só é levado ao desejo de conhecer se fenômenos notáveis lhe chamam a atenção". Assim, as cores são objeto de investigação das mais diferentes áreas: Física, Psicologia, Arquitetura, Belas Artes... E da Língua. Afinal, definir linguisticamente uma cor e seus tons é um desafio.

O interesse pelo assunto "cores" fez com que se decidisse torná-lo tema de uma tese de doutorado (em Estudos de Língua na Universidade

do Estado do Rio de Janeiro – UERJ). Sendo o objetivo central dessa tese a elaboração de um dicionário cromático analógico dos contos de Clarice Lispector.

Para isso, parte-se, primeiramente, do que Martins (2005, p. 105), a partir do que ensina Tatiana Slama-Cazacu no livro *Lenguaje y Contexto*, explica. Martins (2015) expõe que

(...) existe em cada palavra, tal como na língua, algo que lhe imprime determinada constância e que impede o seu emprego arbitrário. É o núcleo convencional ou significativo fundamental, adquirido no quadro da experiência social. Qualquer palavra, por complexa que seja a gama de suas variações semânticas, pode ser reduzida a este núcleo inicial que constitui a própria base de agrupamento semântico, a “unidade na variedade”, e que assegura a estabilidade relativa do léxico na língua, necessária para a compreensão mútua. Desprovida deste núcleo com função de base, a língua correria o risco de converter-se em um caos de significados sempre novos. Ninguém pode dar às palavras sentidos inteiramente pessoais (...) os significados figurados (...) se desenvolvem a partir do significado central e fundamental, que é estável, e cimenta por isso os outros significados secundários da palavra. (MARTINS, 2015)

A proposta da pesquisa de doutorado é a de usar termos cromáticos para refletir a respeito dos diversos significados que podem ser atribuídos a eles pela criatividade de um indivíduo e que, ainda assim, conseguem ser entendidos pelos falantes da língua de um modo geral. Considerou-se, então, que para atingir tal objetivo seria preciso optar por um *corpus* de literatura brasileira ficcional e, por essa razão, foram escolhidos os contos da escritora ucraniana radicada no Brasil, Clarice Lispector. A decisão apoia-se na percepção de que as cores têm papel relevante em uma quantidade significativa de contos da escritora: ora são usadas em seus significados primários e atuam como auxiliares na criação visual de ambientes e aparência dos personagens; ora recebem significados figurados que levam o leitor a mergulhar no mundo particular da autora.

Ainda que a tese se encontre em fase de revisão bibliográfica, já se tem definido o método de organização do futuro dicionário: a *onomasiologia*. Mas, antes de se entrar propriamente no conceito de **onomasiologia** e apresentar as razões que levam a opção por esse critério para a organização do referido dicionário, apresentam-se alguns conceitos básicos sobre *lexicografia*.

“A lexicografia é uma área de saber, cuja identidade está relacionada à produção de dicionários.”, afirma Maria da Graça Krieger em seu artigo *Tipologias de dicionários: registros de léxico, princípios e tecno-*

logias (2006). O termo **lexicografia** pode se referir a duas atividades distintas, de acordo com Welker (2011, p. 30): a *lexicografia prática* e a *lexicografia teórica*. A primeira é a atividade que envolve a elaboração de dicionários; uma atividade que é tanto técnica quanto científica, prática e que também pode ser vista como uma arte. Isto porque, como explica Welker (2011, p. 30) “(...) quem elabora, ou compila, um dicionário tem que conhecer não somente fatos linguísticos, principalmente o léxico, como também as maneiras em que esses fatos podem ser apresentados num dicionário.” A **lexicográfica teórica** (ou *metalexigrafia*), por sua vez, é o estudo de “(...) tudo que diz respeito a dicionários. Essa área, sim, pode ser considerada uma ciência (...) Seus produtos são os conhecimentos adquiridos e divulgados.”

Mas o que é um *dicionário*? Vilela (1995) responde a essa questão da seguinte maneira:

O **dicionário** é (...) o conhecimento genérico culturalmente partilhado por uma comunidade linguística e codificado no léxico, ou é a codificação desse saber, concebido de forma estática, em suporte papel ou eletrônico, arquivando esse saber e que pode ser consultado por pessoas ou por máquinas. (VILELA, 1995, p. 78) (Grifo do autor)

Como ao **dicionário** cabe a tarefa de legitimar o léxico de um determinado idioma, isso lhe confere um caráter de autoridade. Sendo assim, explica Krieger (2006),

(...) constitui-se em paradigma lingüístico modelar dos usos e sentidos das palavras e expressões de uma coletividade lingüística, desempenhando o papel de código normativo da língua. É nessa mesma esteira que o dicionário adquire o estatuto de instância de legitimação do léxico, passando então a funcionar como uma espécie de cartório de registros, é ele que concede à palavra sua certidão de nascimento e, dessa forma, institucionaliza o conjunto léxico das línguas. Por tudo isto, o dicionário goza de uma autoridade que não é menor nas sociedades de cultura que, inclusive, o entendem como instrumento da “verdade lingüística”, logo, inquestionável. (KRIEGER, 2006, p.142)

## 2. *Tipologia de dicionários*

Uma obra lexicográfica pode ser impressa, virtual; multilíngue, bilíngue; um dicionário pode ser histórico; etimológico; descritivo; tratar apenas da língua falada ou somente da língua literária. Voltar-se a uma área específica do conhecimento humano ou apresentar apenas neologismos ou só regionalismos... Elencar os tipos de dicionários existentes não é tarefa das mais simples. Herbert Andreas Welkerem seu livro *Dici-*

*onários –uma pequena introdução à lexicografia* (2004) apresenta um painel tipológico bastante detalhado a partir da visão de vários autores e explica que existe uma gama ampla de dicionários e várias possibilidades de classificação. Mas, por não ser o objetivo deste artigo tratar especificamente sobre tipologia de dicionários, torna-se desnecessário reproduzir todas as divisões que Welker (2004) apresenta. Opta-se, então, por mostrar a proposta de categorização do próprio Welker:

(...) a primeira diferenciação deveria ser aquela entre obras de consulta em formato de livro e as computadorizadas. Porém, a apresentação no gráfico tornar-se-ia mais complicada, razão pela qual preferi introduzir a distinção entre obras de consulta convencionais (impressas) e as eletrônicas apenas no segundo nível. (WELKER, 2004, p. 43)

E, em seguida, Welker (2004) esclarece que qualquer tipo de dicionário (de neologismos, de estrangeirismos etc.) pode ser **monolíngue** ou **bilíngue** que a separação que faz entre **geral** e **especial** na sua categorização se explica da seguinte forma:

Eu proponho que apenas um tipo seja considerado “geral”, e que todos os outros sejam classificados como especiais. O dicionário geral, nessa concepção, se caracteriza por ser alfabético, sincrônico, da língua contemporânea, arrolando sobretudo os lexemas da língua comum. Desse modo, são considerados dicionários especiais os históricos, os diacrônicos, os onomasiológicos, etc. Nos gerais, devemos distinguir entre os seletivos, isto é, aqueles que registram os lexemas realmente em uso (como o DUP ou Borba 2004) e aqueles muito extensos, às vezes chamados de tesouros, que incluem numerosos lexemas e termos não empregados na língua comum, como Aurélio, Michaelis e Houaiss, que, além de tesouros, podemos denominar gerais extensos. Embora a definição de geral se aplique aos dicionários para aprendizes, estes se destacam por dirigirem-se a um determinado público e por apresentarem certas características que os diferenciam dos “comuns”. (WELKER, 2004, p. 43)

Assim, se nota, a partir da proposta de Welker (2004), que o que comumente se chama apenas de “dicionário” é o que o autor classifica de dicionário geral (que também costuma ser chamado de dicionário geral de língua ou ainda dicionário de língua). Krieger *et al.* (2006, p. 172) apresentam a seguinte definição,

(...) o dicionário de língua – a mais prototípica das obras lexicográficas – constitui-se no único lugar que reúne, de modo sistemático, o conjunto dos itens lexicais criados e utilizados por uma comunidade lingüística, permitindo que ela reconheça-se a si mesma em sua história e em sua cultura. Além de se constituir em espelho da memória social da língua, o dicionário desempenha o papel de legitimar o léxico. E, como tal, alcança o estatuto de um código nor-

mativo que define parâmetros orientadores dos usos lexicais. (KRIEGER *et al.*, 2006, p. 172)

Já entre os especiais, Welker (2004) localiza o tipo que interessa a este estudo: o onomasiológico. Uma obra lexicográfica onomasiológica, além de um tipo de dicionário, difere do que autor denomina de dicionário geral no que tange ao seu critério de organização. O dicionário geral é uma obra organizada alfabeticamente e, por isso, chamada de semasiológica (do grego *semasia* – significado), na qual se parte de uma palavra conhecida e dela são informados seus significados. Já os dicionários onomasiológicos (do grego *onomasia* – termo) são organizados do conceito para a palavra, ou seja, o caminho inverso.

Fala-se dos dois critérios a seguir, com maior ênfase na onomasiologia. A razão para isso se deve ao objetivo final da pesquisa de doutorado no qual este estudo se insere: a produção de um dicionário cromático analógico.

### 3. *Semasiologia e onomasiologia*

A respeito da semasiologia e da onomasiologia, Baldinger (1966) explica que

(...) refletem o primado da **palavra** sobre o do **som**. Os dois métodos – asemasiologia e a onomasiologia – (...) são atraídos, ao mesmo tempo, pela (...) tendência (...) do primado da **estrutura**. A semasiologia, é certo, considera a palavra isolada no desenvolvimento de sua significação –, enquanto que a onomasiologia encara as designações de um conceito particular, vale dizer, uma multiplicidade de expressões que formam um conjunto. A onomasiologia implicapois, desde o começo, numa preocupação de ordem estrutural. (BALDINGER, 1966, p. 8) (Grifos do autor)

Ainda que seja mais habitual a consulta a dicionários organizados alfabeticamente (além da percepção de que eles existem em maior número), é preciso observar que os dicionários onomasiológicos são tão antigos quanto os semasiológicos. Welker (2004, p. 47) afirma que “já na Antiguidade, havia “proto-dicionários” nos quais os lexemas eram agrupados em tópicos.”. O primeiro dicionário onomasiológico foi elaborado por Comenius (1631) e, de acordo com Welker (2004, p.47), “pouco depois o inglês, John Wilkins propôs um esquema de classificação do léxico de qualquer língua” e, a partir desse esquema, o americano Peter Mark Roget fez a obra *Thesaurus of English Words and Phrases* (publicada em 1852) que tornou o termo *thesaurus* equivalente a dicionário onomasiológico.

O termo **onomasiologia** foi, como explica Babini (2006), usado pela primeira vez em um estudo a respeito dos nomes das partes do corpo humano nas línguas românicas; esse trabalho tem autoria de A. Zauner. Já a definição do que é **onomasiologia** vem de Bertoldi (1935 *apud* Babini, 2006, p. 38) que afirma que “por onomasiologia entende-se um aspecto particular da pesquisa linguística que, partindo de uma determinada ideia, examina as várias maneiras com as quais essa ideia encontrou expressão na palavra.”

É necessário que também se reconheça a pluralidade de termos para nomear dicionários onomasiológicos. Primeiro entendendo o que é um *thesaurus*. Peter Mark Roget que, de acordo com Landau (2001, p. 137)<sup>1</sup>, era um “(...) um médico inglês que já havia feito seu nome com estudos em psicologia.” foi quem criou uma obra não organizada em ordem alfabética e sim por ideias. Landau (2001) explica que Roget

(...) elaborou seis classes de categorias: relações abstratas; espaço; mundo material; intelecto; vontade; sensações e poderes morais. Dentro dessas classificações gerais, ele organizou numerosas subdivisões que, por sua vez, foram subdivididas também. Ele reconheceu que muitas palavras se enquadravam em mais de uma categoria e que a colocação de uma palavra em uma ou outra categoria era uma decisão difícil. Mesmo a primeira edição incluía um índice para ajudar os leitores a encontrar o significado que procuravam (...).<sup>2</sup> (LANDAU, 2001, p. 138) (Tradução minha)

Welker (2004, p. 50, grifos do autor), especificamente sobre o nome *thesaurus*, explica que “(...) o termo latino foi às vezes traduzido para as línguas vernáculas (por exemplo, *tesauro* em espanhol, *trésor* em francês), mas, quando designa dicionários onomasiológicos, geralmente é mantida a forma latina.”. Ao se denominar um dicionário como *thesaurus* é preciso ainda considerar o que Krieger (2006) expõe,

(...) a denominação “thesaurus” está vinculada à ideia de exaustividade histórica de registro, cobrindo desde palavras antigas aos modernos neologismos. Este modelo chega alcançar algo em torno de 400.000 verbetes em países de

<sup>102</sup> “(...) English physician who had already made a name for himself with studies in physiology.”

<sup>103</sup> “(...) elaborated six classes of categories: abstract relations; space; material world; intellect; volition; sentient and moral powers. Within these broad classifications he placed numerous subdivisions, with subdivisions further divided. He recognized that many words would fall into more than one category and that the placement of a word in one or another category was a difficult decision. Even the first edition included in the index to help readers find the signification they were looking for (...)”.

grande tradição lexicográfica como a França, a Espanha e a Inglaterra. (KRIEGER, 2006, p. 144)

Neste caso, o termo remete a ideia de dicionário como o ‘tesouro da língua’ – obra que reúne tanto memória quanto palavras novas. Babini (2006), porém, nomeia a obra de Roget de ‘dicionário ideológico’ e explica, com relação a ‘dicionário ideológico’, que

(...) sua origem está ligada a “conjunto de ideias” e os *dicionários ideológicos* seriam, de acordo com a intenção original, *dicionários organizados em função das ideias*, e não dicionários com cunho ideológico (no sentido de valores morais e sociais), como o termo poderia sugerir. (BABINI, 2006, p. 38)

Já os dicionários analógicos, no entender também de Babini (2006, p.40), seriam próximos ao trabalho de P. Boissière: o *Dicionário analógico da língua francesa*. Até aqui, portanto, se tem os seguintes termos para dicionários onomasiológicos: *thesaurus*, ideológico e analógico.

Para Babini (2006) os dicionários organizados pelo método onomasiológico são os ideais para o consulente que não conhece a palavra e tem apenas a “ideia” de algo, seu conceito; ele explica que

(...) a macroestrutura dos dicionários ideológicos se compõe de partes características. A primeira é, geralmente, o plano de classificação das ideias, que é o esqueleto do dicionário, e contém as ideias (tópicos) principais da obra. O plano de classificação das ideias corresponde ao sistema conceitual dos dicionários terminológicos e tem suas raízes nos primeiros dicionários (glossários) da humanidade. Em seguida, os tópicos contidos no plano de classificação são desenvolvidos em quadro sinópticos que contém subconjuntos ou classes de ideias (subtópicos). A terceira parte dos dicionários ideológicos (parte analógica) é formada por grupos de palavras ligadas, com base em diferentes critérios, a cada uma das ideias contidas nos quadros sinópticos. Em cada grupo de palavras são indicados sinônimos da palavra-entrada e seus contrários (antônimos), permitindo, assim, buscas por meio desses elementos. O principal critério adotado para a reunião das palavras em grupos é a analogia. (BABINI, 2006, p. 40)

É preciso compreender que a semasiologia e a onomasiologia não se excluem. Um dicionário pode ser onomasiológico e trazer um índice alfabético. Azevedo (2016, p. x), em seu dicionário analógico, indica que é possível que o consulente faça sua busca pela ordem alfabética “(...) a partir de um termo ou expressão que se conhece, para buscar no(s) grupo(s) analógico(s) onde ele se encontra outras alternativas de expressão.”

Já Landau (2001)<sup>3</sup> explica que

(...) tanto o alfabético quanto o *thesaurus* conceitual se baseiam em uma listagem alfabética, mas o arranjo conceitual leva o leitor de um índice a agrupamentos de palavras centrados em conglomerados de significados relacionados. A maioria dos *thesaurus* alfabéticos não possui índice, presumindo que qualquer palavra da qual o leitor deseje um sinônimo aparecerá como uma palavra-chave. (...) Ambos os sistemas envolvem uma grande quantidade de repetição de qualquer palavra dada. Em teoria, a abordagem conceitual oferece uma maior probabilidade de que o leitor encontre a palavra que procura pois as palavras para conceitos similares serão encontradas em seções adjacentes ou próximas. A organização alfabética, por outro lado, é mais fácil de usar, já que o leitor pode frequentemente encontrar sinônimos procurando em um lugar em vez de dois ou mais.” (LANDAU, 2001, p. 139) (Tradução minha)

#### 4. Considerações finais

De acordo com a classificação de Welker (2004) aqui exposta, os dicionários onomasiológicos são dicionários especiais. Para o dicionário que se objetiva construir (sendo esta pesquisa o início dessa elaboração) o termo especial se encaixa tanto porque se adota a categorização de Welker (2004) quanto pelo fato de ser bastante específico: trata-se de um dicionário do uso do vocabulário cromático nos contos de Clarice Lispector.

A ideia inicial era organizar alfabeticamente uma obra lexicográfica, unicamente em razão do hábito de se usar dicionários semasiológicos. Contudo, com o avanço das leituras dos contos e da percepção das construções de sentido que a autora faz a partir de suas escolhas lexicais no que diz respeito ao vocabulário cromático, a necessidade por optar por um método de organização que privilegiasse o uso contextual e as relações estabelecidas entre os termos cromáticos, foi (vai, aliás) se intensificando. E como bem colocam Carratore e Castilho (1967) a **onomasiolo-**

---

<sup>104</sup> No original: “both the alphabetical and the conceptual thesaurus rely on an alphabetical listing, but the conceptual arrangement leads the reader from an index to clusters of words centered upon a congeries of related meanings. Most alphabetical thesauruses do not have an index, the presumption being that any word the reader might want a synonym for will appear as a headword. (...) Both systems involve a great deal of repetition of any given word. In theory the conceptual approach offers a greater likelihood that the reader will find the word being sought because the words for similar concepts will be found in adjacent or nearby sections. The alphabetical arrangement, on other hand, is easier to use, since the reader can often find synonyms by looking in one place rather than two or more.”

gia é o método de organização se liga à abordagem saussuriana do signo e, assim,

(...) cada elemento linguístico não pode ser considerado isoladamente, mas dentro de um contexto, quer seja ele um elemento fonético ou uma palavra; toda palavra está por assim dizer amarrada aos demais elementos do mesmo sistema, e é dentro desse contexto, dentro desse “campo associativo” que deve ser examinada. A própria experiência empírica nos mostra a impossibilidade de, dada uma palavra qualquer, estabelecer o seu significado prescindindo de um contexto; a palavra “raiz”, para empregar um exemplo clássico, tem significados totalmente distintos quando empregada por um botânico, por um dentista, por um matemático, e assim por diante. Quer isto dizer que, pela atualização no plano da fala (a *parole* saussuriana), a palavra não tem autonomia. Os conceitos, por sua vez, por integrarem um sistema de oposições, são precisos; mas de sua aplicação à realidade decorre a imprecisão, que favorece o desenvolvimento semântico das palavras; perdendo-se a ligação direta e imediata da palavra ao conceito, a palavra está sujeita a receber outras significações além da primitiva, embora podendo conservar esta – é a polissemia. (CAR-RATORE; CASTILHO, 1967, p. 137)

E por que chamar o futuro dicionáriodessa pesquisa especificamente de analógico? Os dicionários analógicos, no entender de Babini (2006, p. 40), seriam próximos ao trabalho de P. Boissière, o *Dicionário analógico da língua francesa*. E o mesmo Babini (2006, p. 40) observa que o *Dicionário analógico da língua portuguesa*, de Carlos Spitzer (1952) possui características que o aproximam da obra de Roget (1852). O dicionário de Spitzer é, assim como o *Dicionário analógico da língua portuguesa – ideias afins/thesaurus* (2016) de Francisco Ferreira Azevedo, obra na qual essa pesquisa se baseia para constituir o seu próprio dicionário analógico. Se ambos possuem organização semelhante ao trabalho de Roget, assim, para esta pesquisa, um dicionário organizado do conceito para o termo pode ser chamado de onomasiológico, *thesaurus*, ideológico e de analógico e ideias afins. Opta-se por analógico por se entender que o dicionário em fase de elaboração tratará de palavras que se ligam pelo sentido; são análogas umas às outras no contexto.

Todavia é preciso reconhecer que, nesse estágio inicial da pesquisa, se desvencilhar do “hábito” (criado como consulente) de organizar tudo alfabeticamente – por ser esse um método familiar – é um exercício de resistência. Mas optar pelo “desconhecido” (a onomasiologia) não significa abandonar o “conhecido” (a semasiologia), pois, como já exposto ao longo deste artigo, os métodos não são excludentes ou, nos termos de Martins e Zavaglia (2014, p. 439), possuem uma “relação intrínseca” e

(...) se complementam, na medida em que tratam do significado por perspectivas diferentes. Nesse sentido, é absolutamente válida a presença desses dois

percursos numa única obra, fato que, para além da facilitação da busca, configura ao dicionário um caráter autêntico e proporciona ao consulente novas possibilidades de busca. (MARTINS; ZAVAGLIA, 2014, p. 439)

É o avanço da pesquisa e o que Ullmann (1964, p. 140) chama de “saudável advertência” a lexicógrafos: “(...) o significado de uma palavra só se pode averiguar pelo estudo do seu uso. Não há caminho mais curto para o significado através da introspecção ou de qualquer outro método”, que vão fortalecendo o entendimento de que um dicionário onomasiológico é o mais adequado diante do objetivo final da tese de doutorado dentro da qual esse estudo se insere. Afinal, um dicionário onomasiológico procura elencar os vários *sentidos* que formam a base de um determinado *nome*. No caso específico desta pesquisa, quais sentidos estruturam, no universo dos contos de Clarice Lispector, os significados dos nomes dos itens que compõem o vocabulário cromático usado pela autora.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BABINI, Maurizio. Do conceito à palavra: os dicionários onomasiológicos. In: *Revista Ciência e Cultura*. Vol. 58. n. 2. São Paulo: Apr/June 2006. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252006000200015](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200015). Acesso em: 13 de maio de 2018.
- BALDINGER, Kurt. Semasiologia e Onomasiologia. In: *Revista Alfa*, v. 9, 1966. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3265/2992>. Acesso em: 11 de maio de 2018.
- CARRATORE, Enzo Del; CASTILHO, Ataliba T. de. A onomasiologia no léxico e na sintaxe. In: *Revista Alfa*, v. 11, ano 1967. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3301/3028> Acesso em: 11 de maio de 2018.
- GOETHE, Johann Wolfgang von. *Doutrina das cores*. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.
- KRIEGER, Maria da Graça et al. O século XX, cenário dos dicionários fundadores da lexicografia brasileira: relações com a identidade do português do Brasil. In: *Revista Alfa* 50 (2). 2006. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1418/1119>. Acesso em: 17 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. Tipologias de dicionários: registros de léxico, princípios e tecnologias. In: *Revista Calidoscópio*, vol. 4, n. 3, set/dez 2006. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/6000>. Acesso em: 17 de jul. 2018.

LANDAU, Sidney I. *Dictionaires: the art and craft to flexicography*. 2<sup>nd</sup> ed. New York: Cambridge University Press, 2001.

MARTINS, Nilce Santanna. *Introdução à estilística*. São Paulo: Edusp, 2005.

MARTINS, Sabrina de Cássia; ZAVAGLIA, Cláudia. A onomasiologia e seus dicionários: o caso do dicionário onomasiológico de expressões cromáticas da fauna e flora. In: *Revista Diacrítica*. Vol 18. N. 1. Braga. 2014. Disponível em: [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0807-89672014000100017](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672014000100017). Acesso em: 12 maio 2018.

PEDROSA, Israel. *Da cor a cor inexistente*. 5. edição. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial Ltda. co-editado pela Editora Universidade de Brasília, 1989.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Trad. de J.A. Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VILELA, Mário. *Ensino da língua portuguesa: léxico, dicionário, gramática*. Coimbra: Livraria Almedina, 1995.

WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários*. Uma pequena introdução à lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.

\_\_\_\_\_; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Questões teóricas genéricas. In: *Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos*. XATARA, Cláudia; CLECI, Regina Bevilacqua; HUMBLÉ, Philippe René Marie (Orgs.). São Paulo: Parábola, 2011.